

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO: UMA ANÁLISE NARRATIVA E AS PERSPECTIVAS DAS FRONTEIRAS CULTURAIS

Paul's First Missionary Journey: A Narrative Analysis and the Perspectives
of Cultural Boundaries

Leandro Miranda de Paula

leandropaula@gmail.com

Mestrando em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo

Sérgio Prates

sergio@maiaimoveis.com

Mestrando em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo analisar a narrativa da primeira viagem missionária relatada no bloco literário de Atos dos Apóstolos, 13-14 considerando seus eventos para compreender a origem da evangelização aos gentios e as influências da cultura popular na concepção para a vida e as suas influências para concepção do texto canônico. Tal análise parte de um estudo narrativo verificando as fronteiras culturais, conceituando os estruturalistas russos como M. Bakhtin e I. Lotman, buscando elementos fundamentais para compreender o cristianismo primitivo.

Palavras-chave: Viagem — cristianismo primitivo — Paulo — Barnabé — fronteiras culturais — identidade.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the first missionary journey narrative reported in the literary block from Acts of the Apostles 13-14, considering its events in order to understand the origin of evangelizing the Gentiles and the influences of popular culture in the conception for the life and its influences to design the canonical text. Such an analysis is based on a narrative study verifying cultural boundaries, conceptualizing Russian structuralist thinkers as M. Bakhtin and I. Lotman, seeking fundamental elements to understand early Christianity.

Keywords: Journey — early Christianity — Paul — Barnabas — cultural boundaries — identity.

Introdução

A primeira viagem missionária é protagonizada por Saulo/Paulo. Pedro e os Doze praticamente desaparecem da narrativa lucana e Paulo vai triunfando como homem separado para a obra, vocacionado pelo próprio Espírito Santo (Atos 13.1). Parafrazeando Paulo Nogueira, “Paulo ganha maior destaque, pois ele recebe a alcunha de ‘apóstolo dos gentios’: é sobre ele, judeu helenizado de Tarso, com formação rabínica e farisaica, que recai a responsabilidade de pregar às cidades gregas e à capital do Império”. O centro da atenção deixa de ser Jerusalém e, agora, claramente é Antioquia da Síria, a terceira cidade mais importante do império romano superada por Roma e Alexandria; dela a missão parte. O autor de Atos não tem a preocupação de relatar uma história completa da vida e da expansão da igreja em suas primeiras décadas. Ele oferece um resumo dos principais acontecimentos. Paulo protagoniza incidentes que ilustram resumidamente o trabalho dos missionários em várias localidades. Na narrativa de Atos não encontramos nenhum vestígio da expansão do cristianismo em direção ao sul, todavia, sabemos que de alguma maneira, a fé alcançou Alexandria, capital do Egito. Não há relatos de como o evangelho chegou ao Oriente ou até mesmo em Roma; em Atos 28.13-14, Paulo encontra cristãos nessa cidade e não há indícios de como a nova fé alcançou a capital. A segunda obra lucana, deixa claro quem é o mais importante de todos esses primeiros missionários: Paulo protagoniza ao lado de Barnabé a primeira jornada missionária. Para compor a narrativa da primeira viagem missionária, o autor de Atos dos Apóstolos pretende expor de maneira acentuada os conflitos existentes entre os judaizantes e os apóstolos (Paulo e Barnabé) devido à forte aceitação do evangelho por eles pregado. Tais relatos são permeados de milagres e suas implicações. Lucas busca narrar os fatos através de uma circularidade onde a viagem inicia e finda-se no mesmo lugar.

Propomos neste artigo, primeiramente, uma análise narrativa da primeira viagem missionária delineando suas estruturas de enredo, personagens-chave, modelos de ação, esquemas de tempo e espaço, entre outros. Avaliamos criticamente suas consequências para a história da interpretação e para a formação de esquemas narrativos que moldaram a historiografia. Na segunda parte discutimos e analisamos a perícopos de Atos 14 e propomos uma abordagem *lotminiana* do conceito central da semiosfera: as fronteiras culturais realçando a primeira viagem missionária e o triunfo do apóstolo dos gentios.

Análise narrativa: a primeira viagem missionária de Paulo

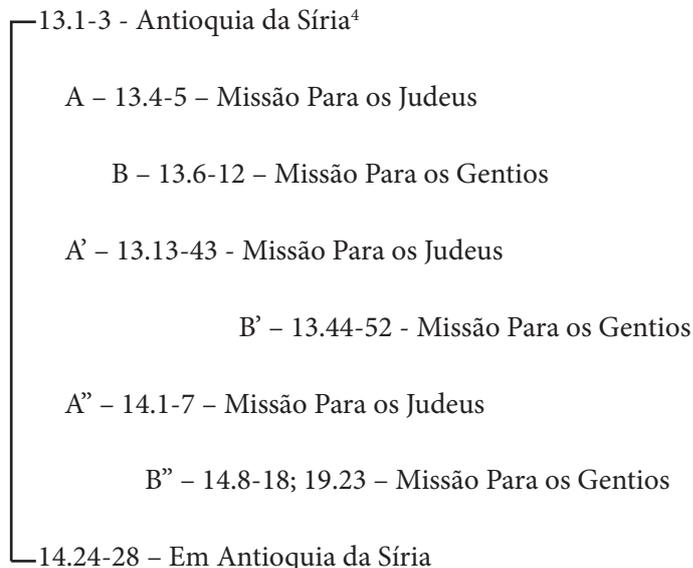
Tanto na primeira viagem missionária como em todo o relato de Atos dos Apóstolos a narrativa é construída de maneira descritiva e seu posicionamento é de instância extradiegética, ou seja, o narrador se situa no exterior da história contada¹. Toda narrativa, é determinada pelo enclausuramento, início e fim de história, fator determinante na produção de sentido. Quatro parâmetros formam o corpo do texto, tais como: tempo, lugar, constelação de personagens e tema.²

¹ Marguerat nos chama atenção pelo fato de que Lucas assume outros posicionamentos. Por exemplo, em Lucas 1.1-4 ele se posiciona heterodiegeticamente (relata os acontecimentos em que não intervém e não figura); já em Atos 16.10-17; 20.5-15, ele se posiciona homodiegeticamente (se faz presente na história que ele mesmo conta). Ver em MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 40.

² MARGUERAT; BOURQUIN, 2010, p. 45-46.

Um dos critérios é o tempo, como o próprio nome já diz faz alusão as mudanças de cronologia. Podemos perceber na narrativa tais evidências em Atos 13.44; 14.20 e 14.28. Outro critério é o parâmetro do lugar, identificado pela mudança constante das cidades, traçando um mapa da jornada missionária, partindo de Antioquia da Síria e delineando a viagem pelas cidades como Selêucida, Chipre, Salamina, Pafos, Perge, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe e retornando a Derbe, Listra, Icônio, Antioquia da Pisídia, Panfília, Perge e Atália, até culminar em Antioquia da Síria, fechando o ciclo missionário no ponto de partida. Já na constelação de personagens encontramos Paulo de Tarso e Barnabé como personagens principais da narrativa e outros como Elimas, Proconsul Sérgio Paulo, o coxo, e outros. O quarto critério é o tema que pode unificar a bloco narrativo e manter sua unidade através de mudanças de lugar ou de tempo. Marguerat adverte que para uma devida análise é prudente escolher de dois a três critérios em vez de um só para determinar a clausura de uma narrativa. O obstáculo ao dispor de um segundo critério para fixar uma clausura revela que a micronarrativa faz parte de uma sucessão narrativa. Tal sequência se beneficia de traços de continuidade.³

Na construção deste ensaio optamos em utilizar primeiramente, o parâmetro do tema, ou seja, a primeira viagem missionária (Atos 13-14) como princípio unificador desta narrativa, e em seguida o parâmetro do lugar pois Lucas busca narrar os fatos através de uma circularidade e a primeira viagem inicia e finda-se em Antioquia da Síria, conforme esquema abaixo:



³ MARGUERAT; BOURQUIN, 2010, p. 46.

⁴ Segundo Paulo A. S. Nogueira, Antioquia da Síria, além de ser um dos mais importantes centros urbanos do oriente do Império Romano, é considerada em Atos como o centro do cristianismo depois de Jerusalém. É de lá que irradiam os esforços missionários (Atos 11). Todos os locais que mencionamos acima são secundários em relação a Antioquia, que, por sua vez, dada sua localização no oriente, é secundária em relação a Roma. In: *Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*, 2015 (no prelo).

Quadros narrativos

Tal como numa produção cinematográfica, toda narrativa é composta por quadros sucessivos de acontecimentos. Esses quadros posteriormente ligados produzem algo semelhante a um grande filme. A primeira viagem missionária é composta por uma unidade narrativa, ou bloco narrativo (macronarrativa) que abarca Atos 13-14. Os vários quadros apresentados dentro desta macronarrativa (Atos 13.1-3; 13.4-5; 13.6-12;13.13; 13.14-50;13.51-14.5;14.6-20;14.21-23;14.24-28) são as micronarrativas que se ligam a um tema comum ou pela presença do mesmo protagonista: Paulo de Tarso⁵. A primeira viagem missionária do apóstolo Paulo e seus companheiros é assim delineada:

a) Atos 13.1-3 – a reunião na igreja de Antioquia onde, influenciados pelo Espírito Santo, os que ali estavam separam Paulo, Barnabé e João Marcos para a primeira viagem missionária.

b) Atos13.4-5 – inicia-se a viagem tendo como primeiro destino Selêucida; depois navegam para Chipre e chegam em Salamina, onde anunciam a palavra de Deus nas sinagogas.

c) Atos 13.6-12 – os discípulos chegam na Ilha de Pafos, onde encontram um mágico judeu chamado Barjesus (Elimas). Surge um novo personagem, o Procônsul Sérgio Paulo, que se interessa pelas palavras dos discípulos. Elimas, vendo isso, tenta desviar a atenção do Procônsul. Paulo o repreende e o deixa cego por um tempo. O Procônsul, vendo esse sinal, acredita nas palavras proferidas pelos missionários.

d) Atos 13.13 – partindo de Pafos, Paulo, Barnabé e João Marcos chegam em Perge da Panfília, mas João Marcos se separa dos missionários e retorna a Jerusalém.

e) Atos 13.14-50 – Paulo e Barnabé chegam em Antioquia da Pisídia e, entrando na sinagoga no sábado, assentam para ouvir o que era dito sobre a lei e os profetas. Depois, são convidados a dirigir a eles uma palavra. Paulo aceita o desafio e inicia um longo discurso (Atos13.16-41). Ao sair da sinagoga os gentios pedem para que se repita no próximo sábado o discurso, assim, ajuntam-se grande número de pessoas para ouvir Paulo. Os judeus, incomodados com a aceitação do povo, blasfemaram contra Paulo e Barnabé, que foram perseguidos e expulsos da sinagoga.

f) Atos 13.51-14.5 – Paulo e Barnabé partem para Icônio e discursam na sinagoga tendo boa aceitação. Alguns judeus não adeptos ao que os discípulos falavam inflamam o povo contra eles. Sabendo que seriam apedrejados Paulo e Barnabé fogem.

g) Atos 14.6-20 – os discípulos chegam em Listra onde encontram um homem paralítico desde o nascimento. Este homem é curado por Paulo. Os homens daquele lugar vendo tal feito começam a adorar Paulo e Barnabé associando-os aos deuses daquela cultura. Paulo e Barnabé vendo tal atitude rasgam as suas vestes e se separam da multidão impedindo que prestem a eles sacrifícios. Surgem judeus de An-

⁵A estrutura narrativa é composta de: 1. macronarrativa - entidade narrativa máxima concebida como um todo pelo narrador; 2. micronarrativa - entidade narrativa mínima apresentando um episódio narrativo que se identifica pelos indicadores de enclausuramento; 3. seqüência narrativa - série de micronarrativas ligadas uma a outro por um tema unificador ou um personagem comum; 4. quadro - subunidade de uma narrativa (ver MARGUERAT; BOURQUIN, 2010, p. 48-51).

tioquia da Psídia e Icônio que influenciam a multidão, estes apedrejam e o arrastam para fora da cidade pensando que estava morto, mas Paulo rodeado por alguns discípulos, levanta e no dia seguinte parte com Barnabé para Derbe.

h) Atos 14.21-23 – depois de passar por Derbe vão para Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia revisitando os que se converteram.

i) Atos 14.24-28 – regressam para Panfília, Perge, Atália até navegarem ao ponto inicial da viagem (Antioquia da Síria). Ali relatam tudo o que havia acontecido à eles na viagem missionária.

Enredo

Para entendermos a primeira viagem missionária é necessário sistematizar os fatos descritos nas micronarrativas propostas. Tais fatos são interligados a um fio condutor composto de causalidade e processo cronológico. Para isso, o esquema quinário é a proposta de trabalho.

Segundo Marguerat, há um modelo canônico pela qual se pode medir qualquer enredo. Tal modelo decompõe o enredo da narrativa em cinco momentos sucessivos: Situação Inicial, Nó, Ação Transformadora, Desenlace e Situação Final. Nessa concepção toda a narrativa se define pela presença de duas balizas narrativas (situação inicial e situação final), entre as quais se estabelecem uma relação de transformação (ação transformadora). As devidas transformações ocasionam a passagem do sujeito de um estado para o outro, portando esta passagem deve ser desencadeada (nó) e efetuada (desenlace).⁶

Situação inicial: Atos 13.1-3

A viagem inicia em Antioquia da Síria, a primeira viagem missionária do cristianismo. Os protagonistas Paulo e Barnabé são eleitos pelo Espírito Santo para o trabalho missionário. Após imporem as mãos sobre eles, a igreja constituída em Antioquia, os despedem. Os fatos da eleição do Espírito molduram os personagens da micronarrativa (Paulo e Barnabé).

Nó: Atos 13.4-6a

Em toda viagem há um itinerário planejado ou não. Os personagens Paulo e Barnabé iniciaram sua jornada partindo de Antioquia da Síria (Situação Inicial), passando por Selêucida, navegando para a ilha de Chipre até chegar em Salamina e logo após anunciarem a palavra de Deus nas sinagogas os discípulos chegam em Pafos. Para Marguerat, desenlace é a etapa simétrica do nó. Ele enuncia a resolução do problema anunciado. Descreve os “efeitos” da ação transformadora sobre as pessoas em questão ou a maneira como se restabelece a situação em seu estado anterior.⁷

⁶ MARGUERAT; BOURQUIN, 2010, p. 57-59.

⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, 2010, p. 59.

Ação transformadora: Atos 13.6b – Atos 14.20a

Nesse caso, a ação transformadora do texto compreende todos os eventos decisórios da narrativa, tais como: os encontros de Paulo e Elimas-Barjesus (13.6) e desencontros como o do apóstolo Paulo, Barnabé e João Marcos (13.13); perpassando por discursos, ora de Paulo na sinagoga (13.16-41;46-47), ora aos cidadãos licaônicos (14.15-17).

Outro evento são as pregações nas sinagogas dos judeus (13.5,14;14.1), sempre com um discurso do “messias judeu”. Paulo e Barnabé são sempre expulsos da sinagoga (13.50;14.4-5) gerando uma fuga para cidades circunvizinhas. Em Listra (14.8-10) não há relato de pregação na sinagoga, contudo eles fazem uma performance (gesto), através de um milagre, contrapondo a imprecação com cegueira em Elimas (13.11). O mesmo Paulo que amaldiçoa, cura em outra situação.

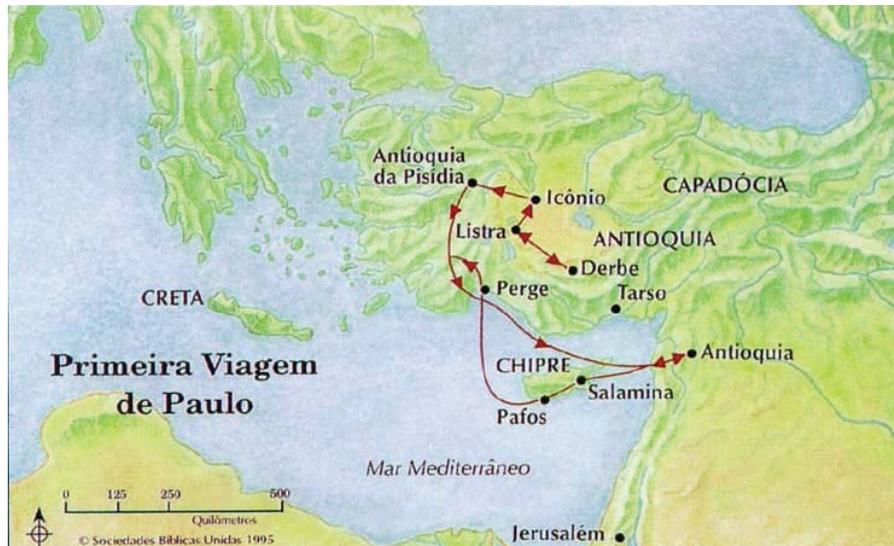
Em toda a narrativa encontramos incitação/perseguição dos judeus incrédulos e gentios contra Paulo e Barnabé (13.50;14.4-5.19), em ordem crescente ao ponto dos judeus da Antioquia da Psídia e Icônio irem para Listra, gerando um ápice narrativo com o apedrejamento e morte simbólica de Paulo. Há uma contraposição em relação as incitações. A pregação na sinagoga gera oposição dos judeus e dos gentios e há instalação de uma perseguição generalizada. Da mesma forma que as “multidões” rejeitaram a pregação, Paulo e Barnabé repudiaram o discurso extra verbal da multidão ao serem considerados “homens divinos”. Sempre nas pregações há acolhimento por alguns, rejeição violenta por outros, e fuga dos missionários.

Desenlace: Atos 14.20b-25

A viagem chegou ao seu desfecho/desenlace. Chegando a Derbe, Paulo e Barnabé retornaram pelo mesmo caminho antes percorrido. Mesmo sendo “expulsos” ora da sinagoga, ora da cidade, eles voltaram com um objetivo: fortalecer os “novos discípulos”, exortando-os a permanecerem firmes na fé. Em cada cidade os discípulos instituíam “igrejas” com eleição de presbíteros.

O verso 23b, “*depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido*”, é a mesma ação descrita no início da viagem quando Paulo e Barnabé foram “nomeados pelo Espírito Santo”. Há uma repetição do rito conforme Atos 13.3. O discurso de Paulo e Barnabé no “retorno” foi encorajar os “novos discípulos” que diante dos sofrimentos presenciados pudessem permanecer firmes na fé.

Quando Paulo retorna às cidades em que fora rejeitado (Listra – Icônio – Antioquia da Psídia), enfatiza o “papel do herói” exercido por ele em toda a narrativa. Após atravessar a Panfília chegou a Perge, onde anunciaram o evangelho. No itinerário de ida eles atravessaram Perge e pregaram somente em Antioquia da Psídia na sinagoga, conforme v. 13.13-14.



Fonte: <http://goo.gl/reMwAi>

Situação final: Atos 14.26-28

Os discípulos tinham uma missão definida saindo de Antioquia da Síria (situação inicial): levar o evangelho aos gentios. Em Atos 13.1 eles iniciam tal jornada que finda-se em Atos 14.28. A narrativa volta a mesma cidade da situação inicial, o ponto de encontro é ponto de chegada e os apóstolos Paulo e Barnabé relatam todos os acontecimentos para a igreja de Antioquia da Síria e de como eles abriram aos gentios a “porta da fé”.

Sua missão de pregação do evangelho foi concluída com sucesso, pois além da evangelização e missão eles constituíram lideranças (presbíteros) em cada cidade. Nos versos de 26 ao 28, os discípulos chegaram na comunidade de Antioquia relatando todos os feitos e as dificuldades enfrentadas na primeira jornada missionária, ou seja, tal situação expõe o reconhecimento do novo estado, após a eliminação das dificuldades (ação transformadora), não havendo mais a perturbação inicial que é o fio condutor da narrativa.

Após analisarmos narrativamente a primeira viagem missionária, propomos uma abordagem *lotmianiana* do conceito central da semiosfera: as fronteiras culturais.

Atos 14: fronteiras culturais

Em Atos 13.14, Paulo e Barnabé, dois judeus, iniciam uma pregação na sinagoga. Após discursarem, são rejeitados porque anunciaram o messias judeu; o tema da pregação dos apóstolos era interno, mas mesmo assim foram rejeitados. Gentios e judeus aceitaram tal pregação, mas alguns judeus os expulsaram da sinagoga. Com razão, pois a sinagoga não tinha obrigação de aceitar este messias, a sinagoga era maior, pelo menos institucionalmente.

Já em Atos 14.8, Paulo não está em uma sinagoga, neste texto, Paulo faz um milagre, é visual o que ele faz, uma performance, onde ele cura o paraplégico e dá uma ordem: “ande pelos seus pés”. Ele realiza o milagre, quando as multidões viram, gritaram.

É importante salientar que Listra era da Região da Licaônia, e falava o idioma licaônico e grego⁸. Neste ponto encontramos a fronteira cultural, pois o povo de Listra além de falar grego mantinha em sua cultura o “dialeto” licaônico. Para Iuri Lotman⁹,

A função da fronteira [...] se reduz a limitar a penetração do externo no interno, a filtrá-lo e elaborá-lo adaptativamente. [...] todos os mecanismos de tradução que estão a serviço dos contatos externos pertencem à estrutura da fronteira da semiosfera. A fronteira geral da semiosfera se intersecciona com as fronteiras dos espaços culturais particulares. [...] ela conserva o sentido de um mecanismo buffer que transforma a informação. [...] O espaço semiótico se caracteriza pela presença de estruturas nucleares (com mais frequência várias) com uma organização manifesta e de um mundo semiótico mais amorfo que tem na periferia, na qual estão submergidas as estruturas nucleares.¹⁰

Sobre fronteiras culturais, analisando o texto de Atos 14, Paulo Nogueira relata:

Nos chama a atenção a quantidade de fronteiras e de situações bilíngues que são narradas numa pequena e desprezível nota como essa. Paulo e Barnabé (judeus, no entanto, de língua e de cultura grega, pois são nascidos na diáspora), se dirigem a uma cidade do interior da Anatólia cuja população é chamada pelo narrador indevidamente (ou devidamente, em sua perspectiva) de “gregos”.¹¹

No texto de Atos 14, o povo gritou em língua licaônica dizendo: “os deuses em forma de homens baixaram até nós”. Os habitantes chamaram a Barnabé de Júpiter e Paulo de Mercúrio. Júpiter e Mercú-

⁸ Paulo Nogueira relata: Trata-se de regiões interioranas da Anatólia, helenizadas, mas sem a pujança e importância cultural e política das cidades gregas da Íônia, na costa do Egeu, como Éfeso, por exemplo. As cidades e regiões a que se refere o capítulo 14 têm menor expressão, mesclando a cultura grega, o aparato administrativo romano e elementos de culturas locais anatólias. Dessas regiões procedem, no segundo século, um dos textos mais fascinantes e enigmáticos do cristianismo primitivo, os Atos de Tecla. O primeiro contato dessas regiões com os missionários cristãos se encontra narrado no nosso texto, no capítulo 14 do livro de Atos, em cenas que representam exemplarmente textos sendo traduzidos e filtros culturais em ação, nas bordas da cultura mediterrânea. Toda essa seção se divide em três cenas menores.

⁹ Segundo Lozano (1999), Lotman propõe, ainda, que os textos se “reproduzem” por contaminações que se dão nas fronteiras “esponjosas”, nos limites dos diferentes sistemas. Recorrendo ao vocabulário da Matemática, fronteira “é um conjunto de pontos que pertencem simultaneamente ao espaço interior e ao espaço exterior”. Os textos próximos às fronteiras têm estruturalidade mais frágil dentro da memória dos sistemas. Os novos textos surgem nas chamadas das periferias, organizadas menos formalmente que os centros, onde estão as estruturas mais fortes, construções mais arraigadas de todas as culturas ou sistemas.

¹⁰ LOTMAN, I. M. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Tradução de Desiderio Navarro. Valência: Frónesis Cátedra, 1996, p. 26-29.

¹¹ NOGUEIRA, 2015, p. 9.

rio não são deuses da Licaônia, são deuses do panteão romano. Mais uma vez encontramos a fronteira cultural, pois os habitantes de Listra, de origem grega, interpretaram os deuses romanos em uma cultura grega. Júpiter e Mercúrio são deuses do panteão romano decodificados pelos habitantes por Zeus e Hermes do panteão grego.¹²

A narrativa descreve que eles em língua licaônica gritaram os nomes dos deuses gregos, e anunciaram: “os deuses em forma de homem, baixaram até nós”. Nogueira expressa:

Vale notar que a analogia feita pelos cidadãos da Licaônia, de que Barnabé e Paulo fossem Zeus e Hermes encontra antecedentes em uma lenda frígia de que Filemon e Baucis, após terem operado milagres, tenham sido reconhecidos como deuses. Essa lenda encontra eco em inscrições encontradas próximas à Licaônia e na sua versão erudita, transmitida por Ovídio, nas *Metamorfoses* VIII, 614-629 (BERGER & COLPE, 1987, p.194). Os comentaristas especulam se há influência dessa lenda na narrativa de Atos (WEISER, 1985, p.350). Para nós a possibilidade de que a narrativa bíblica incorpore um tema do folclore, ou mesmo de Ovídio, em nada desmerece o seu valor. Pelo contrário. Isso mostra que provavelmente tradições populares orais (preferimos essa hipótese) estivessem sido adaptadas para expressar a perspectiva local com a qual foram compreendidos Barnabé e Paulo. Trata-se das traduções feitas nas bordas da cultura, de como um povo lança mão dos temas e repertórios que lhe são familiares para entender e ordenar elementos que lhe são estranhos, no caso, a ação taumátúrgica e a pregação de missionários itinerantes judeu-cristãos.¹³

Richard Pervo também reflete sobre os acontecimentos em Listra pois o lugar deste quiproquó certamente não foi escolhido ao acaso; Lucas sem dúvida conhecia a lenda que Ovídio conta em suas *Metamorfoses* (VIII, 610-714) sobre Zeus e Hermes visitando incógnitos a região da Frígia, perto de Lista. Ninguém os recebeu, a não ser um velho casal, Filêmon e Báucis, que dividiram os seus parques recursos com os visitantes disfarçados. Informado sobre tal precedente, o leitor de Atos com certeza pensa que dessa vez os licaônicos, tendo deuses ao seu alcance, não os deixariam sumir sem lhes ter prestado homenagem.¹⁴

Através da performance milagreira de Paulo, há um símbolo verbal e gestual na narrativa. Mesmo diante desta ameaça, os pregadores seguiram sua atuação com dois sistemas de anúncio: “anúncio ousado” (*parresía*) e sinais (*semeia*) e maravilhas (*terata*)¹⁵. O povo ao gritar o nome dos deuses, é o sujeito falante refletindo as vozes sociais e essas diferentes vozes ecoam entre os interlocutores e para além deles.

¹² Provavelmente a deusa deles é Kubala. A região da Galácia romana era conhecida pelo fanatismo dos frígios pela Magna Mater – Cibele – identificada ou confundida com a mãe de Zeus (Réia); seu culto remonta a Kubala, deusa hitita da fertilidade da Anatólia oriental.

¹³ NOGUEIRA, 2015, p. 10.

¹⁴ PERVO, Richard I. *Profit with Delight: The Literary Genre of the Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress, 1987, p. 64.

¹⁵ NOGUEIRA, 2015, p. 9.

Para Bakhtin, o mundo que nos rodeia está ocupado de vozes de outras pessoas, assim, vozes são palavras no sentido de enunciados:

Vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura.¹⁶

Para Faraco,

Bakhtin se importava com a dialogização das vozes sociais e encontro sociocultural que essas proporcionam, bem como a dinâmica que assim se estabelece, por se apoiarem mutuamente, se diluírem em outras e assim por diante. “Em outras palavras, o verdadeiro ambiente de um enunciado é plurilingüismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais.¹⁷

Já sobre a realidade linguística, Faraco redige:

A realidade linguística se apresenta para Bakhtin como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas – relações de recusa e aceitação, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações.¹⁸

Ao identificarem os deuses como homens, os habitantes de Listra estão traduzindo a sua cultura. Lotman relata que é nas fronteiras que se dão os encontros dialógicos entre os elementos estruturais das diferentes culturas, dos diferentes sistemas. Lotman nos adverte:

Os elementos homogêneos na fronteira entre os sistemas permitem a hibridização, o diálogo, e os heterogêneos vão se conformar oferecendo a possibilidade de novos textos, novas composições com novos significados. A possibilidade de diálogo pressupõe tanto a homogeneidade quanto à heterogeneidade dos elementos. Deste ponto de vista, a diversidade estrutural da semiosfera constitui a base do seu mecanismo. [...] Por uma parte, os sistemas não são idênticos e emitem textos diferentes, e, por outra, se transformam facilmente um em outro, o que lhes garante uma traduzibilidade mútua. Assim, podemos dizer que, para que seja possível o diálogo, os participantes devem ser diferentes e, cada um, ter em sua estrutura a imagem semiótica da sua contraparte.¹⁹

¹⁶ BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 347-348, ago./dez. 2011.

¹⁷ FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003, p. 80.

¹⁸ FARACO, 2003, p. 57.

¹⁹ LOTMAN, Iuri. *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture*. Trad. A. Shukman. Bloomington: Indiana University Press, 1990, p. 36-37.

Ao chamarem Paulo de Mercúrio (por ser o portador principal da palavra -Hermes), novamente o povo licaônico traduz sua experiência. Não há descrição no texto, se Paulo e Barnabé entenderam a língua licaônica, contudo a narrativa prossegue com o sacerdote de Júpiter, cujo o templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, ia sacrificar juntamente com as multidões. A “porta” prefigura a divisão entre o civilizado e não civilizado, novamente a fronteira cultural expressa por Lotman.

O texto deixa claro, que o povo fez uma tradução ao dizerem: “os deuses estão entre nós”, logo devemos sacrificar a eles. Lotman descreve:

A tradução é “um mecanismo primário de consciência”. Expressar uma ideia em uma linguagem e em seguida em outra é repensá-la, num processo de compreendê-la de outro modo e de maneira mais profunda. Como na maioria dos casos, “as diferentes linguagens” da biossemiosfera são “semioticamente assimétricas, ou seja, não têm correspondências semânticas mútuas”, então toda a biossemiosfera “pode ser considerada como um gerador de informação”.²⁰

Na fronteira de “o nosso” e o externo (que é a porta da cidade), sacrificar é honrar os deuses. Mercúrio que é Hermes, é uma divindade da fronteira, logo ele cuida das portas, é também é a divindade da comunicação. Neste texto a fronteira é representada por Hermes, e a narrativa continua com Paulo e Barnabé rasgando suas vestes e iniciando uma pregação.

Paulo deveria pregar as multidões: “nós não somos deuses, Deus feito homem, é o Cristo que desceu dos céus, que retornou aos céus e que voltará para nos buscar”. A sua pregação deveria apontar para o Cristo, pois eles (Paulo e Barnabé) foram expulsos da sinagoga por pregarem o Cristo (Atos 13.50). Neste texto, eles mudam repentinamente a pregação.

Após o povo ter sua experiência “epifânica”, o argumento dos missionários não é mais o Cristo pregado na sinagoga, mas a típica pregação judaica, que não tem Cristo. É a antiga polemica dos judeus monoteístas. Ao observarmos em Romanos 1, Paulo argumenta que “as pessoas por idolatram a criação, Deus os entrega as suas próprias paixões, ou que Deus dá a natureza, a criação, para que todos, O reconheçam”. Já em outro sermão, Paulo relata que “Vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu a terra”. O argumento retórico é sempre a criação e a bondade de Deus, porque: “Deus não fica sem dar testemunho de si mesmo”. Sabemos que os judeus testemunham a *Torah* e para os gentios a benevolência de Deus é a chuva, estações frutíferas e a bondade de Deus. Paulo utilizou tais argumentos pois conhecia a realidade local.

O povo de Listra, por ser uma cultura não letrada entendeu a pregação de Paulo sobre a bondade de Deus. Segundo Lotman:

²⁰ LOTMAN, 1990, p. 127.

Culturas não-letradas têm uma relação diferente com a paisagem. Já que uma paisagem, lugar sagrado ou ídolo está “incluído” no círculo cultural de ritual, sacrifício, leitura da sorte, canções e danças, e já que todas essas atividades são fixadas a certas datas do ano, os marcos, lugares sagrados e ídolos são associados às posições particulares das estrelas ou do sol e da lua, ventos ou chuvas recorrentes, mudanças periódicas nos níveis das águas dos rios, etc. Esses fenômenos naturais são tomados como signos que lembram ou predizem. A mudança entre esses dois tipos de memória é simbolizada, por um lado, pelo arco-íris que Deus deu a Noé como um sinal e, por outro, pelas tábuas escritas que ele deu a Moisés.²¹

Quando os missionários estão entre os judeus eles pregam o Cristo e são expulsos da sinagoga, mas quando estão entre os pagãos, eles anunciam a pregação judaica.

As multidões entenderam Paulo e Barnabé como deuses gregos, assim, eles têm uma ação piedosa diante dos apóstolos, pois estavam imergidos em uma cultura peculiar. Já na visão dos missionários tal ação é idolátrica, pois fere a postura judaica monoteísta, assim nesta pregação, Cristo não desempenha papel algum.

Paulo ao mudar de argumentação na segunda pregação, estava adaptando uma linguagem que os habitantes de Listra poderiam entender, com este discurso, ele se identifica como judeu, monoteísta, mas lá na sinagoga ele prega o Cristo Messiânico. Tal relato da “descida dos deuses”, encontramos em uma lenda na região da Frígia, onde dois personagens, Filemon e Baucis, após operarem um milagre são reconhecidos como deuses. Segundo Alberto Casalegno:

O pano de fundo da equivocação dos moradores de Listra talvez seja a lenda, relata por Ovídeo e ambientada na região da Frígia, referente a Zeus e a Hermes que, disfarçados em peregrinos, vêm se hospedar na morada de Filemon e Baucis, recompensando fartamente o casal que os acolheu.²²

Paulo Nogueira afirma²³ que tal texto pode ser uma mera reprodução de um tema literário, de um tema mítico. Se o autor de Atos interpretou tal mito frígio nestes termos, não há problemas.

Nosso interesse é verificar processos culturais e não factuais. Todavia, tal epifania, pode ser da oralidade do mito frígio e não da literatura, ou ainda no caminho contrário do mito frígio passou para Ovídio e por sua vez para o texto de Atos deixando mais complexo e fascinante a narrativa bíblica.²⁴

²¹ LOTMAN, I. *Por uma teoria semiótica da cultura*. Belo Horizonte FALE/UFMG 2007.

²² CASALEGNO, A. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo, Loyola, 2005, p. 268.

²³ NOGUEIRA, 2015.

²⁴ NOGUEIRA, 2015,

O texto relata que os judeus da Antioquia e Icônio, que apedrejando Paulo, o arrastaram para fora da cidade, agora não para honrar os deuses; mas castiga-lo pela pregação proferida, ao ponto de o narrador considera-lo como morto. Encontramos aí novamente a fronteira cultural (dentro e fora da cidade; vida e morte).

Para Lotman, a fronteira pode separar os vivos dos mortos, pessoas estabelecidas de pessoas nômades, a cidade das planícies; ela pode ser uma fronteira entre estados, uma fronteira social, nacional, confessional, ou qualquer outro tipo de fronteira.²⁵

Rodeado pelos discípulos após ser apedrejado, Paulo entrou na cidade. O texto não deixa claro como foi a “ressureição de Paulo”. No dia seguinte, Paulo e Barnabé passaram por Derbe e tendo anunciando o evangelho naquela cidade voltaram para Listra, Icônio e Antioquia da Psídia “fortalecendo aos discípulos e exortando-os a permanecerem firmes na fé e demonstrando que em muitas tribulações vos importa entrar no Reino de Deus”. Neste momento, eles traduzem suas experiências para Igreja que os enviou a esta missão. Podemos ver que os relatos mencionados a Igreja de origem são expressões das suas lutas e vitórias durante a jornada missionária. Eles traduzem suas experiências como o que Mikhail Bakhtin denomina de “vozes sociais”.

O trajeto missionário de Paulo e Barnabé é desenvolvido em cidades interioranas, fora do centro cultural e político da época. Após a saída de Antioquia da Síria, eles embarcam para Seleucia, e vão para Atália (Antália, atual) e Perge (região da Panfília). Entram na Psídia, passam pelo Taurus, região montanhosa e vão pra Antioquia da Psídia, Icônio, Derbe, Listra e retornam pelas mesmas cidades. Tal viagem é uma incursão, é a primeira evangelização interiorana que não se iniciou nas cidades importantes da província da Ásia Menor, tal como Éfeso, Pérgamo ou Mileto, parte que fora helenizada deste o século VII antes de Cristo.

O apóstolo e missionário Paulo era da Cilícia, em Tarso, sua cidade natal, portanto é um conhecedor destes padrões culturais e possivelmente conhecia tais cidades. O protagonista da primeira jornada missionária estava frequentando o mundo dele, ainda que não em Tarso, especificamente.

Em Atos 14 encontramos as diferentes semiosferas em sobreposição e em relação. Para Irene Machado:

A noção de espaço na semiosfera reporta-se à liminaridade: trata-se da conjunção que reúne encontros e intersecções. Daí que o termo chave de sua definição ser «fronteira»: “um conjunto de pontos pertencentes simultaneamente ao espaço interior e ao espaço exterior”, onde, aquilo que está fora só pode integrar o espaço interior da semiosfera se for traduzido. A fronteira define-se como um mecanismo de semiotização capaz de traduzir as mensagens externas em linguagem interna, transformando a informação (não-texto) em texto. Aqui a quantidade se transforma em qualidade e, portanto, em sistema semiótico qualificado.²⁶

²⁵ LOTMAN, 1990, p. 131.

²⁶ MACHADO, Irene. Pensamento semiótico sobre a cultura. A primeira versão deste artigo foi publicada na *Revista USP*, n.

Em resumo

A primeira fronteira, segundo Nogueira²⁷, apresentada em Atos 14 é a judaica em confronto/relação com a pagã, pois os judeus também eram membros desta sociedade, eles falavam grego, e traduziam suas tradições judaicas para a mitologia grega. Outro âmbito de conflito é a judaica em tensão-confronto/relação com a judaica cristã. Tanto uma como a outra são semiosferas diferentes, pois tem linguagem diferentes e estão em conflitos entre si. Outra fronteira é a cristã formada por muitos elementos religiosos monoteístas em relação com a cultura religiosa politeísta e a Licaônica em relação com a cultura grega pois eles reconhecem Paulo e Barnabé como divindades gregas, mas expressas em sua própria língua. Ainda identificamos as traduções da língua natural, pois os judeus que falam grego como segunda língua. Paulo de Tarso possivelmente falava grego como primeira língua e o aramaico/hebraico como segunda, e pessoas da Licaônia que falavam grego.

Outras semiosferas percebemos nos discursos religiosos dentro do judaísmo: judaísmo messiânico e não messiânico; além de traduções de ações religiosas de um grupo em termos de referências de outro, no caso as ações milagreiras de Paulo e Barnabé interpretadas como a descida e epifania dos deuses na terra.

Em resumo encontramos aqui um espaço semiótico de fronteiras, em diferentes níveis, no qual os interlocutores falam diferentes línguas, produzindo traduções incompletas, ambíguas²⁸. Trata-se de várias semiosferas em sobreposição e em relação (I) e Os elementos em tradução são os mais diversos (II), os quais Nogueira redige:

(I)

- a) a judaica em conflito com a pagã;
- b) a judaica e a judaico-cristã (com a sua incipiente linguagem) em conflito entre si;
- c) a cristã, formada por muitos elementos judaicos monoteístas, em relação à cultura religiosa politeísta;
- d) a licaônica em relação com a cultura religiosa grega, pois reconhecem Paulo e Barnabé como divindades gregas, mas o expressam em sua própria língua.

(II)

- a) Traduções na língua natural: judeus que falam grego como segunda (ou primeira?) língua, gente da Licaônia que fala grego, etc; b) traduções de discursos religiosos

86, p. 157-166.

²⁷ NOGUEIRA, 2015.

²⁸ NOGUEIRA, 2015, p. 13.

dentro do judaísmo, como, por exemplo, judaísmo messiânico e o não messiânico; c) traduções de ações religiosas de um grupo, em termo de referências de outro. No caso, as ações milagreiras e de pregação de Paulo e Barnabé, interpretadas como a decida e epifania dos deuses gregos na terra; d) tradução das ações piedosas da população de Listra como idólatras por parte da posição judaica de Paulo; e) A interação entre palavras e ações, ou, na linguagem do texto, pregação e milagres.

Por fim, o que os licaônicos fizeram é legítimo e até piedoso mas traduzido como idolatria por parte da posição judaica de Paulo. Encontramos na tela interação de palavras e ações ou pregação e milagres.

Conclusões e perspectivas

Ao analisarmos o bloco narrativo de Atos 13-14 identificamos o início e fim da Primeira Viagem Missionária costurada pelos missionários Paulo e Barnabé em diversas cidades. Quatro critérios foram apresentados, tais como: tempo, parâmetro do lugar, constelação de personagens e o tema que fortalece a hipótese da unidade narrativa. Seguimos o esquema do parâmetro do tema, ou seja, a primeira viagem missionária (Atos 13-14) e em sucessão o parâmetro do lugar pois o evangelista Lucas narra os fatos por meio de uma circularidade.

Após escolher parâmetros norteadores dissecamos o corpo do texto (macronarrativa) de Atos 13-14 em micronarrativas. Os vários quadros apresentados dentro desta macronarrativa (Atos 13.1-3; 13.4-5; 13.6-12; 13.13; 13.14-50; 13.51-14.5; 14.6-20; 14.21-23; 14.24-28) são as micronarrativas que se unem a um tema comum e com a mesma constelação de personagens, como protagonista: o apóstolo Paulo de Tarso. O enredo da primeira viagem missionária foi decomposto em cinco momentos sucessivos: *situação inicial, nó, ação transformadora, desenlace e situação final*.

Após analisarmos narrativamente a primeira viagem missionária, realizamos uma abordagem *lotminiana* com o conceito central da semiosfera (as fronteiras culturais), seguido do conceito de dialogismo de Bakhtin.

No campo conceitual, distinto do tradicional, a narrativa de Atos 13 e 14 é de abrir os olhos. O texto está saturado de processos de tradução cultural. A narrativa foi pouco explorada pelos exegetas histórico-críticos, que classificaram-na como equívoco, paganismo, idolatria.

O texto propriamente de Atos 14 está marcado pelo hibridismo no gênero literário, suas narrativas avançam as fronteiras da história antiga e o mito. Toda a narrativa apresentada é estruturada pelas imagens e metáforas, produzindo uma realidade de forma especular e labiríntica. As narrativas ainda deixam claro que os textos refletem processos de profundas traduções nas bordas da semiosfera. Neste dialogismo, das bordas para o centro, em traduções truncadas, mas intensas, na periferia, nos permitirá reavaliar todo um corpo de fontes, memórias e perspectivas de análise desconceituado nos estudos de história e exegese do cristianismo na antiguidade.

Este texto é modular para entendermos a forma de evangelização dos primeiros cristãos, os diálogos que eles estabelecem, pontos divergentes e de aproximação, ao ponto dos gentios também interpretarem mal, só que uns os apedrejam e outros os “divinizam”.

Atos 14 é texto curto, esquemático, e traz uma coleção de desencontros. Iuri Lotman diz que é nestes desencontros que devemos prestar atenção. Tal texto elucidada a forma de ver o mundo dos primeiros cristãos. A primeira viagem missionária traz importantes pistas para entendermos a forma de propagação do evangelho e o mundo cultural da época. Os diálogos e ações dos personagens estabelecem relações importantes para traçarmos a primeira jornada missionária no primeiro século. Este texto estabelece a fronteira cultural e a narrativa de Atos 14 deixa claro que um texto desprezioso, não sofisticado - erudito, é fonte cultural para entendermos a vida, a sociedade e a expansão do cristianismo do primeiro século.

Referências bibliográficas

Bíblias e dicionários

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Novo Testamento e Salmos. Nova edição. São Paulo: Paulinas, 1984.

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA. São Paulo: Loyola, 1994 (Pontifícia Comissão Bíblica).

BORN, A. van den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Trad. Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1977.

COHEN, L.(org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.

Temas teológicos

ARENS, E. *Ásia menos nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais, econômicos para compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1998.

BALLARINI, P. T. *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BITTENCOURT, B. de Paula. *O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

BOSCH, J. S. *Escritos paulinos*. São Paulo: Editora Maria, 2002.

- BUBNOVA, Tatiana. *Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Bakhtiniana*, São Paulo, v. 6, n. 1, ago./dez. 2011.
- CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CERFAUX, L. *O cristão da teologia de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- CEBI. *Paulo e suas cartas: roteiros para reflexão*. São Paulo: Paulus, 2000.
- COMBY, J; LÉMONON. *Roma em face a Jerusalém: visão de autores gregos e latinos*. São Paulo: Paulinas, 1987
- _____. *Vida e religiões no Império Romano do tempo dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- DANA, H. E. *O mundo no Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Juerp, 1977.
- DENHAM, J. R. *Concordância fiel do Novo Testamento*. São José dos Campos: Fiel, 1994.
- DEN HEYER. C. J. *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- DUNN, J. D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- ELLIOT, N. *Libertando Paulo*. São Paulo: Paulus, 1998.
- FABRIS, Rinaldo. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1984.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FLUSSER, David. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 3 v.
- GIROUD, J. Claude. *Semiótica: uma prática de lectura y de análisis de los textos bíblicos*. Espanha: Editorial Verbo Divino, 1988.
- KASEMANN, E. *Perspectivas paulinas*. São Paulo: Teológica, 2003.
- KOESTER, H. *Introdução do Novo Testamento – história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005.

KUMMEL, W. George. *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo e João*. 4. ed. São Paulo: Teológica, 2003.

LOTMAN, I. M. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Trad. Desiderio Navarro. Valência: Frónesis Cátedra, 1996.

_____. *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture*. Trad. A. Shukman. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

_____. *Por uma teoria semiótica da cultura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

LOZANO, J. Cultura e explosão na obra de Iuri M. Lotman. *Especulo: Revista de Estudos Literários da Universidade Complutense de Madrid*, ano IV, n. 11, 1999.

MACHADO, Irene. Pensamento semiótico sobre a cultura. *Revista USP*, 86.

MAGGIONI, B. *El Dios de Pablo*. Madrid: San Pablo, 1996.

MARSHALL, I. H. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Edições Loyola; Paulus; 2007.

NOGUEIRA, Paulo A. S. *Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*. 2015. No prelo.

PERVO, Richard I. *Profit with Delight: The Literary Genre of the Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress, 1987.

RUDEN, S. *Apóstolo Paulo*. São Paulo: Benvirá, 2013.

SAMPLEY, J. Paul. *Paulo no mundo greco-romano*. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHNELLE, U. *A evolução do pensamento paulino*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHELKLE, K. H. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

VERNANT, Jean Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva*. São Paulo: Editora Academia, 2012.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de Metodologia*. São Paulo: Paulus, 1998.

Anexo: Eventos de Atos 13-14

<i>Referência em Atos</i>	<i>Cidade</i>	<i>Evento</i>
13.1	Antioquia	Eleição pelo Espírito
13.3		Rito (orar e comissionamento)
13.5	Salamina	Pregação – Sinagoga
13.6	Pafos	Encontro – Paulo e Simão Mago
13.11		Punição – Simão Mago – Cegueira
13.12		Procônsul – creu
13.13	Perge	Desencontro – Paulo, Barnabé e João Marcos
13.14	Antioquia da Psídia	Pregação – Sinagoga
13.16-41		Discurso de Paulo
13.46-47		Discurso de Paulo e Barnabé (uma semana depois)
1348		Gentios creram
13,50		Perseguição (mulheres religiosas e principais da cidade)
14,1 a		Icônio
14,1 b		Judeus e gregos creram
14,2		Judeus incrédulos
14,4-5		Incitação – Perseguição – Apedrejamento - Judeus e Gentios e Autoridades X Apóstolos
Apóstolos		
14,6		Fuga para Listra e Derbe (Licaônica)
14,7	Derbe e Listra	Pregação
14,8-10	Listra	Cura de um coxo (Milagre)
		Homens Divinos – Experiência Epifânica
14,13		Incentivo – Sacrifício
14,14		Aversão – Paulo e Barnabé

14,15-17		Discurso de Paulo
14,19		Perseguição – Apedrejamento de Paulo- MORTE Simbólica
14,20		Ressureição simbólica
14,21	Derbe	Anúncio do Evangelho e
	Listra, e Icônio, e Antioquia,	Retorno da viagem
14,22-23		Rito (enredo entrelaçado) – Orar - Comissionamento
14,24	Pisídia, dirigiram-se a Panfília	
14,25	Perge e Atália	
14,26	Antioquia da Síria	Retorno a cidade de Origem (enredo entrelaçado)
14,27-28		Conclusão da Viagem